

CRIATIVIDADE NO COMBATE À PÓLIO.

O caminho para a erradicação da pólio tem sido longo e difícil. Desde 1985, quando o Rotary abraçou a luta contra a doença, os casos de poliomielite caíram de 350.000 em 1988 para apenas dez este ano. Tal sucesso demandou muito tempo, dinheiro, flexibilidade e inovação dos milhares de voluntários que se dedicaram, e continuam se dedicando, a eliminar a paralisia infantil.

Vejamos então cinco fatos e curiosidades sobre o combate à pólio que talvez você não saiba:

1. Fabricantes de sorvete da Síria estão congelando pacotes de gelo usados pelos voluntários e agentes da saúde para manter as vacinas na temperatura ideal durante campanhas de imunização.

2. Celebridades como embaixadores da luta. Temos gente famosa ao nosso lado. A cantora Ivete Sangalo, a modelo Isabeli Fontana, o jogador de futebol Pato, o humorista Renato Aragão, a atriz Rosamaria Murtinho, o cantor Ziggy Marley, o Nobel da Paz Desmond Tutu, a antropologista Jane Goodall e o filantropo Bill Gates são algumas das personalidades que estão conosco, apoiando o fim da pólio.

3. Voluntários do Rotary e agentes da saúde já subiram montanhas, atravessaram desertos e fo-

ram a ilhas distantes, muitas vezes arriscando suas vidas pelo nobre objetivo de imunizar crianças contra a paralisia infantil. O Rotary já financiou o uso de mais de 1.500 motocicletas e 6.700 veículos, além de 17 barcos de grande porte para chegar às populações que precisavam ser protegidas contra o vírus da pólio. Muitos vacinadores viaja-

ram no lombo de burros, elefantes e camelos para atingir áreas de difícil acesso.

4. Dos cerca de 21.000 vacinadores do Paquistão, 83% são mulheres. Este alto contingente feminino resultou em maior acesso às residências e postos de

vacinação, já que as famílias são mais abertas a deixar seus filhos serem vacinados por mulheres do que por homens.

5. Graças à dedicação do Rotary e dos seus parceiros, mais de 16 milhões de pessoas não ficaram paráliticas e estão vivendo com dignidade. Desde 1988, foram imunizadas mais de 2,5 bilhões de crianças contra a pólio.

Vamos nos juntar a esse esforço! A criatividade do clube trouxe as canecas. Essa ideia é nossa. Vamos oferecer uma oportunidade aos amigos, fornecedores, etc. de também contribuir para a erradicação da pólio no mundo! Faltam 4 meses para atingirmos a nossa meta de



Esta ideia não pode ter fim.

Uma "caneca End Polio Now" livra crianças da pólio!

LOCALISTAS E COSMOPOLITAS: A REDE DO ROTARY CLUB INTERNATIONAL E OS PRIMÓRDIOS DO URBANISMO NO BRASIL (1905-1935) (parte 2)

SERVIÇOS: DA CRIAÇÃO DE UMA REDE DE AJUDA MÚTUA A UM CLUBE DE SERVIÇOS

O contexto de criação do primeiro Rotary Club e seu perfil durante sua primeira década de atividades são indissociáveis da própria dinâmica social em Chicago, entre as últimas décadas do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Pode-se dizer que a fundação do primeiro clube foi a estratégia encontrada por um pequeníssimo grupo de amigos para enfrentar suas dificuldades pessoais de inserção social na cidade e de desempenho profissional. Na verdade, a associação nasceria a partir da noção de ajuda mútua entre seus membros, em um contexto de grande crescimento demográfico, desigualdades de oportunidades e, ainda, de forte mobilidade na cidade de Chicago. Em outras palavras, em um contexto, portanto, de relações interpessoais marcadas pelo anonimato, pela competitividade e pela incerteza diante da ausência de regras e valores sociais compartilhados.

Assim, o advogado Paul Harris e seus amigos, um negociante de carvão, um engenheiro de minas e um alfaiate, tiveram a ideia de criar um grupo de indivíduos que pudesse, dentro da “grande cidade”, formar uma pequena “comunidade” e se auxiliar reciprocamente. Nas palavras de Harris: “O grupo incluiu membros de ancestralidade americana, alemã, sueca e irlandesa e representantes das crenças protestante, católica e judaica. Todos produtos do ‘melting-pot’ americano e, nesse sentido, todos moldando os conceptores de uma ordem internacional que eles [próprios] estavam criando (tradução da autora) (Rotary International, 1946, p.14).

Harris, como seus colegas, nascidos em pequenas cidades do interior dos Estados Unidos e como muitos imigrantes que afluíam a Chicago nos primeiros anos do século XX, procurou, assim, de início criar um grupo de pessoas que pudesse fazer negócios e trocar serviços profissionais entre si com mais segurança, reagindo a um meio desconhecido e por vezes hostil para todos.

Escrevendo sobre o momento de fundação do Rotary, seu mentor resume: “A hora de maior depressão foi para Chicago o que se segue: ao terminar o século XIX e a primeira Exposição Mundial, havia milhares de mendigos e a miséria é castigo incitante. Lutavam para conservar suas posses aqueles que ainda as tinham e os que nada possuíam lutavam a fim de obter o necessário para viver. Os aluguéis se atrasavam, os juros não eram pagos, os varejistas não honravam suas dívidas, obrigando os atacadistas a faltarem com seus compromissos para com os manufactureiros. As Cortes abarrotavam de processos por apropriações indébitas, manutenção de posses, embargos, procurações, hipotecas vencidas, desembargos, sequestros. Os famintos precisavam comer, mas era necessário também que trabalhassem, pois a ociosidade gerava vícios. Chicago não poderá jamais esquecer os dias posteriores à sua primeira Exposição Mundial – o auge da miséria patenteou-se em todos os pontos de vista. [...]. Nos distritos e bairros pobres a evidência da necessidade e do sofrimento despertavam compaixão [...] pela cidade inteira abriam-se casinhas para fornecimento de sopa aos famintos. Nas noites de inverno rigoroso eram recolhidos na Prefeitura, nos edifícios municipais e nas delegacias, homens, mulheres e crianças encontradas sem abrigo. As cadeias achavam-se abarrotadas daqueles que cometiam delitos propositalmente para obterem abrigo [...]” (Harris, 1939, p.44).

Nesses anos, teria grande impacto a obra de W. H. Stead, *If Christ come to Chicago*, publicada na Inglaterra, expondo esse quadro de injustiça e desregulação social e perguntando “se viria alguma coisa boa de Chicago”. Paul Harris, tentando responder à pergunta e melhor definir por que criara uma associação como o Rotary, concluiria: ... “O Rotary não terá motivo de se envergonhar da cidade de sua origem. Foi precedido por uma linhagem ilustre de movimentos concebidos no espírito patriótico e idealista, sustentados com entusiasmo e resolução [...]” (Harris, 1939, p.46)

O CARTEIRO

Dia 25 de janeiro, os Correios celebram os 357 anos da institucionalização dos serviços postais regulares no país e a criação do cargo de *Correio-Mor* das Cartas do Mar. O marco escolhido também homenageia os profissionais que, até hoje, percorrem avenidas, ruas e vielas para entregar aos brasileiros cerca de 20 milhões de objetos, todos os dias.

A entrega domiciliar de correspondências teve início em 1835, mas só no Decreto 255, de 29 de novembro de 1842, que palavra **carteiro** foi usada oficialmente pela primeira vez. O documento também previa que aqueles que maltratassem o carteiro perderiam a comodidade de receber as correspondências em casa.

É fácil constatar que, ao longo do tempo, os carteiros ganharam não apenas o respeito, mas a confiança e o carinho do povo. Não é à toa. Carregando incontáveis histórias em suas bolsas, durante suas andanças eles acompanharam o



Por Marta Ribeiro e Ellen Taborda, Blog dos Correios

desenvolvimento das cidades, o crescimento dos bairros, famílias se transformarem, negócios surgirem... A vida se desenrolar, em meio a tantos passos da jornada.

Atualmente, mais de 55 mil carteiros percorrem, por dia, cerca de 435 mil quilômetros, seja a pé, de carro, moto ou bicicleta. Para se ter uma ideia, isso corresponde a percorrer 98 vezes os pontos extremos do Norte ao Sul do Brasil, do Monte Caburaí, em Roraima, ao Arroio Chuí, no

Rio Grande do Sul, ou 100 vezes os extremos de Leste a Oeste, entre o Ponta do Seixas, na Paraíba, e a Serra Contamana, no Acre.

Uma rotina desafiadora, cumprida com orgulho e dedicação. Faça chuva ou sol escaldante, seja com latidos ou lambidas carinhosas dos cachorros, lá estão eles, vestidos de azul e amarelo, movidos pela missão de aproximar pessoas, negócios, governos, entregando sempre as melhores soluções.

Uma profissão inspiradora

Querido e admirado em todo o mundo, o carteiro tem sido fonte de inspiração para muitos artistas. Ao longo dos anos, estes profissionais foram retratados na música, no cinema, na pintura e na literatura.

“Quando o carteiro chegou e o meu nome gritou com uma carta na mão.” A música “**Mensagem**” composta nos anos 1940 e sucesso na voz de **Isaurinha Garcia**, é apenas uma das que trazem o profissional em seus versos.

O filme italiano “**Il Postino**” (**O carteiro e o poeta**), de 1994 retrata a amizade entre o poeta chileno Pablo Neruda e um carteiro. Mario, que quer aprender a fazer poesia, fica encarregado de levar a correspondência a Neruda, exilado na Itália.

O pai do mestre **Pixinguinha**, o flautista Alfredo da Rocha Vianna, trabalhou nos Correios.

O presidente americano **Abraham Lincoln** atuou como carteiro na cidade de New Salem, de 1831 a 1833.

O ator americano **Steve Carell** – conhecido pelo filme “O virgem de 40 anos” – também fez entregas na área rural da cidade de Littleton

Antes de se tornar o criador do Mickey Mouse, **Walt Disney** foi carteiro, aos 16 anos, em 1918. Na primeira tentativa de trabalhar no correio de Chicago, não foi aceito por ser jovem demais. Voltou disfarçado para parecer mais velho e conseguiu o emprego.

A Profissão dos Outros

Claudia G. R. Valle

Tem gosto pra tudo! Tem gente que quer ser juiz de futebol, aquele cuja mãe vive na boca do povo. Do meu ponto de vista a única vantagem é assistir aos jogos sem pagar ingresso, mas não sei se compensa o esforço de correr atrás da bola o tempo todo.

Eu não entendo as escolhas alheias, assim como os outros não devem entender as minhas. Ainda bem que ninguém está interessado em explicações, porque é difícil explicar o inexplicável.

Jamais seria médica, por exemplo. Imaginem se todo mundo pensasse assim! Em compensação, sou apaixonada por matemática e recebo alguns olhares estranhos por causa disso. As razões para gostar de uma coisa e rejeitar a outra até eu desconheço.

Começando pelos médicos, todo dia agradeço aos meus colegas de humanidade as escolhas profissionais que eles fizeram na vida e que me livram de um bocado de aborrecimento. Constroem minhas casas, tecem minhas roupas, produzem a comida que vai à minha mesa. Podem deixar os cálculos para mim, a gente paga como pode o serviço alheio. Também procuro divertir uma ou outra pessoa escrevendo crônicas aos domingos, mas essa parte é brinde, não conta.

Existe um monte de coisas que eu poderia fazer sem esforço, e até com alegria, mas existe um monte ainda maior de coisas que me deixariam desesperada. Mesmo entre colegas de profissão encontram-se enormes discrepâncias.

Conheci um matemático que, por razões monetárias, resolveu cursar Direito. Soube disso quando, depois de anos sem vê-lo, nos encontramos na rua por acaso. Tínhamos estudado juntos numa certa época da vida e ele ten-

tou convencer-me de que eu seria uma ótima advogada. Nem pensar! Minha cabeça não combina com aquele emaranhado de incertezas e interpretações. Sou agradecida aos advogados que me poupam desse serviço.

Morreria de tédio se tivesse que ser ascensorista. Há quem não se importe e até ache divertido aquele entra e sai de pessoas e assuntos variados. Supondo que alguma dessas conversas de elevador seja interessante, a chance do ascensorista não saber o final é perto de cem por cento. Em alguns casos, nem isso. Um dos supermercados que eu frequento possui um elevador com apenas duas paradas: o térreo e a garagem do subsolo. A coitada ('coitada' é avaliação subjetiva) da moça que fica lá durante horas dificilmente ouve alguma coisa diferente de "por favor" e "obrigado". Sou agradecida a todos os ascensoristas.

Ficaria apavorada se tivesse que ser guarda de trânsito. Não sei se é o trauma dos engarrafamentos, mas ficar numa esquina apitando contra aquele monte de carros desgovernados me enlouqueceria. Sou agradecida aos guardas de trânsito, mas não muito contente com a qualidade dos serviços que eles nos prestam aqui no Rio.

Chegaria ao desespero se tivesse que atender o público em algum guichê de burocracia. Felizmente há gente que nasceu para isso. Ou infelizmente, porque nesse caso meus sentimentos se dividem entre agradecer ou exterminar as criaturas.

Decididamente, tem profissão que só para os outros mesmo! Ufa!

(<https://cronicascariocas.com/colunas/cronicas/a-profissao-dos-outros/>)